TL 4156

DEZ ANOS DE OCUPAÇÃO DEZ ANOS DE RESISTÊNCIA

UMA CARTA DE TIMOR-LESTE FAZ LUZ SOBRE UM MASSACRE

CRARAS: PROIBIÇÃO DE CIRCULAR DIFICULTA INFORMAÇÕES

Em Setembro de 1983 um organismo australiano, o Conselho Australiano de Ajuda ao Ultramar, declarava à agência France-Press ter obtido uma informação segundo a qual militares indonésios tinham massacrado mais de 200 pessoas duma aldeia, homens, mulheres e crianças, em represália pela morte de 16 soldados.

As informações eram imprecisas, o nome e a localização da aldeia não eram conhecidos; o bloqueio indonésio funcionava e permitia à Indonésia desmentir a notícia.

Em Julho de 1984, Mons. Ximenes Belo, Administrador Apostólico de Timor-Leste, declarava à Associated Press que residentes de Viqueque insistiam em afirmar que o exército tinha morto 200 civis.

Em Janeiro de 1985, Mons. Belo diz a três jornalistas que possui uma lista com os nomes de 84 das vítimas do massacre de CRARAS, entre os quais crianças da escola, mortas em represália pela morte de 16 soldados e enterrados em duas valas comuns. Por erro de Mons. Belo ou dos jornalistas que com ele falaram, este acontecimento é situado em Agosto de 1984.

Mário Carrascalão, o governador nomeado pelas autoridades indonésias, nega: "as afirmações do bispo são falsas, houve realmente mais de 10 mortos, mas foi num fogo cruzado entre o exército e a FRETILIN".

Os militares indonésios acusam Mons. Belo de contradições: tinha falado em 200 mortos e agora afirma que são 84. Mons. Belo não viu os cadaveres, dizem eles.

Um documento escrito em Timor-Leste em Fevereiro de 1985 esclarece: "No suco de Craras, na ribeira de WE-TUKU, foram assassinadas 700 pessoas. Eles tiveram de utilizar um tractor para enterrar os cadaveres".

Um outro documento, chegado através dos canais da Igreja e datado de Novembro de 1984, fornece informações sobre um campo (aldeia estratégica): LALEREC MUTIN, onde estão reagrupados desde 1983 os habitantes da aldeia de CRARAS. Mons. Belo foi impedido de visitar LALEREC MUTIN aquando duma visita que realizou à zona e o povo proibido de sair para cumprimentá-lo. Neste campo, diz o documento, vivem "mais de 1000 timores" e não há assistência sanitária. As ferramentas agrícolas limitam-se a 20 picaretas, 10 catanas e 6 alavancas. A população, vítima da fome e das doenças, "está condenada à morte lenta".

Alguns números de difícil interpretação completavam a descrição deste campo: 1278 mortos, 56 desaparecidos, 46 viúvos, 122 viúvas, 276 orfãos.

200, 700, 1278 mortos... como interpretar estes dados dispersos e contraditórios?

Uma carta datada de 2 de Março de 1984 mas que só agora chegou ao exterior (sempre o bloqueio...) dá a todos estes elementos uma luz nova. A informação é em primeira mão: o seu autor, Virgílio dos Anjos, era o comandante da milícia de CRARAS à data dos acontecimentos. Seguindo agora o seu testemunho podemos perceber a sequência dos acontecimentos:

- no dia 8 de Agosto de 1983 os "ratih" (milícia timorense recrutada pelo exército indonésio) de CRARAS rebelam-se, matam 16 militares indonésios e fogem para o mato.
- A 7 de Setembro as forças indonésias atacam CRARAS massacrando mais de 200 habitantes, incluindo velhos, doentes e bebés... o resto da população foge.
- Toda a região é cercada. Cerca de 800 elementos da população são capturados na ribeira WE-TUKU. Um pelotão de Nangallas do "Comando Tiga" mata-os à metralhadora; há apenas um sobrevivente, chamado TINO KAIK, que conseguiu deitar-se no chão antes de ser atingido.
- Algumas semanas mais tarde, o resto da população de CRARAS é capturado e encurralado no campo de LALEREC MUTIN. Continuam no entanto as execuções sumárias, como aconteceu, por exemplo, com o pai e a esposa do autor da carta.

A CARTA

A carta é endereçada a um chamado capitão Stevenson, ex-capitão australiano que fez em Timor a guerrilha contra os japoneses durante a Segunda Guerra Mundial e com quem o pai de Virgílio dos Anjos colaborou.

"... Eu sou Virgílio dos Anjos, filho de Celestino dos Anjos, de quem o Senhor era muito amigo. Escrevo a comunicar que o mau pai foi morto pelas forças ocupacionistas em 27/9/83 como acção de represália à posição tomada por mim, seu filho, em 8 de Agosto do ano passado. (...) Eu era comandante nas FALINTIL entre 1975 e 1979. Com a destruição das bases populares de resistência nas montanhas, aceitei como muitos companheiros de armas render-me ao agressor, entregando as nossas armas. Porém, a nossa rendição nunca significou a aceitação da integração. (...)

Sempre perseguido e preso, fui parar a Taci Tolu (Dili), onde durante três meses recebemos o que aqui dizemos por "Pancasilização", uma prática de domesticação forçada. De regresso, já escolhidos para "ratih", eramos chamados constantemente para operações contra os nossos irmãos da resistência armada e, para essas operações, recebiamos armas.. (...) Conjugando os esforços com os irmãos da resistência, fez-se um "assalto" a CRARAS no dia 20/10/82, condição para exigirmos que nos fossem entregues armas para a "segurança" do campo de concentração de CRARAS. No dia seguinte, o "Dandih" de Viqueque passou-nos as armas, ficando eu a comandar aquele pelotão de "ratih" do campo.

Em 8 de Agosto (...) os "ratih" de CRARAS operaram sobre o pelotão de "ZIPUR E" ali destacado, tendo abatido também um major de nome E. M. Sukiarjo, que fora co-

locado ali para perseguir as nossas actividades de resistência clandestina. Só um capitão de nome Pulunban, . . . embora ferido, conseguiu escapar-se com mais um soldado. Capturamos 17 armas desse pelotão e diverso outro material de guerra. No dia 7 de Setembro as forças assassinas enviadas pelo General Benny Murdani entraram em CRARAS e devastaram tudo, massacrando mais de duzentos elementos da população. Queimaram tudo, até velhos, doentes e bebés de colo dentro das barracas e saquearam os bens da população. A população só teve um recurso, sair para o mato e juntar-se aos seus filhos. Quatro batalhões cercaram BIBILEO e os caças bombardearam intensamente aquela área duranta semanas e por fim capturaram cerca de 800 elementos da população na ribeira de WE-TUKU. Um pelotão de Nangallas do destacamento denominado "Comando Tiga" massacrou a rajadas de metralhadora aquela população, tendo escapado somente um homem de nome Tino Kaik, que se deitara antes daquela horrenda carnificina.

Semanas depois, o resto da população que se refugiara no monte foi de novo capturada e, entre eles, o meu pai e a minha mulher. Toda esta população foi encurralada em Lalerek Mutin, despojada de tudo. As forças assassinas de Benny Murdani até as facas e as catanas tiraram, de forma que a população nem um pão podia cortar para fazer "caba" nem um sagueiro podia abater para consumo. (...)

Pois, Sr. Stevenson, no dia 27/9/83, chamaram o meu pai e a minha mulher. Um pouco fora do campo mandaram meu pai cavar a sua sepultura e quando viram que já estava suficientemente grande para o receber desfecharam uma rajada e o pobre velho estendeu-se sobre o seu último esforço de proporcionar a si mesmo um lugar para o acolher. Após isso disseram a minha mulher, que estava em estado, para cavar outro buraco para ela, mas ela insistiu que preferia juntar-se ao seu sogro e colocou-se à frente do buraco. Empurraram-na para dentro e mataram-na como fizeram ao meu pai. As testemunhas locais, além da população, são essencialmente estes colaboracionistas dos Nangallas que procederam a este crime: o polícia Hermenegildo, o hansip Minus Rubik e o hansip Rafael. (...)

Timor-Leste, 2 de Março de 1984

VIRGILIO DOS SANTOS".

Grupo "A Paz É Possível em Timor-Leste"
Lisboa, 3 de Dezembro de 1985